

# A APLICAÇÃO DA BIBLIOTERAPIA EM CRIANÇAS ENFERMAS

**Silvana Beatriz Bueno**  
**Clarice Fortkamp Caldin**

## **Resumo**

Discorre sobre a aplicação da biblioterapia em crianças enfermas, a importância da leitura na busca da prevenção e educação, bem como sua função terapêutica. Apresenta um relato das atividades de biblioterapia desenvolvidas na ala pediátrica do Hospital Universitário em Florianópolis - SC. Analisa o comportamento das crianças hospitalizadas frente à prática da leitura com metodologias dinâmicas. Com base nestas atividades pôde-se perceber que a biblioterapia aplicada a crianças enfermas alivia suas tensões, angústias e medos, desenvolve a imaginação, favorece a introspecção, a catarse e ajuda no crescimento emocional e psicológico. Conclui que a biblioterapia é uma ferramenta para a semiologia e a terapêutica, favorecendo a humanização das mesmas e ajudando na recuperação das crianças.

**Palavras-chave:** Biblioterapia; Crianças hospitalizadas; Leitura; Crianças hospitalizadas - recuperação

## **1 INTRODUÇÃO**

Há milênios, observa-se entre os povos o legado de deixar marcas de sua existência, seja ela escrita ou falada. A escrita alfabética surgiu em torno de 1500 a.C., começou a formar-se no seio da cultura semita, provavelmente na Síria. Foi utilizada por numerosos povos antigos, e posteriormente permitiu aos fenícios criar seu alfabeto, que disseminaram por todos os países a que levaram sua civilização. Os povos foram, sem dúvida, influenciados pela escrita hieroglífica do Egito. A fala muitas vezes era representada através de desenhos feitos nas paredes, os quais transmitiam sempre uma mensagem.

Nas parábolas contadas por Jesus a seus discípulos, notava-se a preocupação em instruir, ensinar e disseminar o aprendizado adquirido através da narração. Os ensinamentos deveriam ser transmitidos para outros povos com o propósito da evolução do homem, de seu caráter e espírito.

Ao longo do tempo, notou-se que a aplicação da leitura ou a narração de histórias produziam no indivíduo um alívio de suas angústias e medos, visando à terapia, “parte da medicina que estuda e põe em prática os meios adequados para aliviar ou curar os doentes” (FERREIRA, 1985, p. 464). Usou-se a leitura como um dos meios adequados para desenvolver nas crianças um processo de transição entre a realidade e a ficção, estimulando a imaginação e a emoção, produzindo sentimentos diversos.

Com a união destes dois termos, leitura e terapia, surgiu a biblioterapia, definida como um processo dinâmico de interação entre o leitor, o texto e o ouvinte, ajudando no crescimento emocional e psicológico.

Este artigo foi desenvolvido respaldado no Curso de Biblioterapia, ministrado pela professora Clarice Fortkamp Caldin, do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina. Objetivou-se desenvolver a introjeção, a projeção, a identificação, a catarse, a imaginação, a introspecção, a criatividade, e a reabilitação no público-alvo das atividades biblioterapêuticas. As atividades práticas foram realizadas na ala pediátrica do Hospital Universitário, com crianças enfermas de idades variadas. Adotou-se como metodologia mescla de leitura, contação e dramatização. Este curso iniciou-se no mês de agosto de 2001, foi interrompido devido à greve dos servidores e professores da UFSC, e retornou em março de 2002, terminado em maio.

## **2 BIBLIOTERAPIA**

A biblioterapia pode estar direta ou indiretamente associada a vários momentos da prática de saúde, sejam eles diagnósticos ou terapêuticos. Nos processos diagnósticos destaca-se a semiologia, nos terapêuticos a biblioterapia destaca-se como uma das potenciais ferramentas terapêuticas. Segundo a Comissão Interinstitucional Nacional de Avaliação do Ensino Médico/CINAEM (2000, p. 171), a semiologia é a “arte, técnica de conversar e examinar o paciente que tem como objetivo

descobrir, contextualizando e conhecendo a pessoa, para que se chegue a um diagnóstico”. A semiologia atual busca significar o processo de saúde e doença por uma única causa, geralmente biológica. Como este processo tem influência de vários outros campos, se faz necessário à semiologia agregar outros campos de saberes. No estudo da CINAEM estes campos seriam: campo mental, humanístico, de comunicação e educação, economia e saúde, saúde pública, dentre outros. No campo da comunicação/lingüística propõe-se como instrumentos a “interpretação não verbal, exercícios práticos de comunicação e observação, desenvolvimento da sensibilidade através das artes (música, teatro, expressão corporal), técnicas pedagógicas” (CINAEM, 2000, p. 287). Tais instrumentos já são empregados pelos aplicadores da biblioterapia e são de grande valia na reestruturação psicológica do paciente.

A biblioterapia pode ser aplicada para diferentes perfis de indivíduos na sociedade, como afirma Ratton (1975, p. 199-200) “sua utilização é considerada atualmente na profilaxia, educação, reabilitação e na terapia propriamente dita, em indivíduos nas diversas faixas etárias com doenças físicas ou mentais”. Dentre estes perfis incluem-se as crianças hospitalizadas, os idosos, os doentes mentais, os presidiários, entre outros. O ponto em comum entre estes perfis é a carência afetiva, emocional, social e de saúde. Alves (1982, p. 56) destaca que o profissional aplicador desta atividade deve possuir um “[...] conhecimento de psicologia e relações humanas [...]”, cuja denominação ela chamou de “o bibliotecário clínico”.

“A biblioterapia é indicada sobretudo para crianças que necessitem permanecer afastadas de seu ambiente familiar – em creches e hospitais” (RATTON, 1975, p. 208). É interessante ressaltar que a criança se sente fragilizada, principalmente quando seus familiares não podem permanecer ao seu lado. O desconforto presente nestes casos pode ser aliviado com as sessões de leitura e atividades auxiliares. A criança, estimulada pela novidade, acabará viajando num mundo de fantasias e aventuras, cuja ferramenta-chave é o livro. Como afirma Ratton

(1975, p. 208) “a ampliação do ambiente e a possibilidade de experimentar sentimentos e emoções em completa segurança são os maiores benefícios proporcionados às crianças pelo livro”.

“Comentários feitos a respeito do texto ajudam o estabelecimento da comunicação, levando o indivíduo a falar sobre o que leu e, gradativamente, expressar-se sobre si próprio, fazendo comparações, ou divagando” (RATTON, 1975, p. 209). Estas interações proporcionam uma sensação de alívio, pois aguçam a imaginação; conduzem a uma melhor interpretação da história; estimulam o raciocínio lógico e o senso crítico; reforçam a cultura devido a variedade de histórias e a diversidade de assuntos que pode-se explorar. Estimulando as crianças a pensar sobre o que leram e a dialogar, se estará ajudando no seu restabelecimento psicológico e emocional, libertando-as dos seus medos.

## **2.1 O livro como ferramenta-chave**

O livro é a forma mais rica de se obter conhecimento, “com um poder incomparável de penetração e irradiação” (FARIA FILHO, 1998, p. 54). Analisando a literatura, Orsini (1982, p. 140) enfatiza que “a obra literária oferece uma visão do mundo e a leitura da mesma permite que o leitor amplie seu universo perceptual e afetivo”.

Infelizmente, é dada pouca importância ao livro para crianças abaixo de seis anos, “a primeira infância se converte em uma idade importante para o processo de educação e amadurecimento de uma pessoa” (FRAGOSO, 1998, p. 45 - 46). É nesta fase que o contato com o livro ajuda no desenvolvimento do caráter, formando a base para a comunicação escrita; é neste momento que se encaixa o profissional, seja ele da área da saúde ou da educação. Segundo Orsini (1982, p. 147) a biblioterapia se aplica em diferentes campos profissionais, tais como o campo da medicina geral, o campo psiquiátrico, o campo educacional e o campo correccional. Dentro da questão emocional “podem-se manter boas condições

psicológicas com a ajuda de livros intencionalmente escolhidos” (RATTON, 1975, p. 206).

## **2.2 Preparação para a terapia**

As crianças devem ser previamente preparadas para receber e assimilar este tipo de atividade, pois encontram-se fora de seu ambiente familiar. Como afirma Ratton (1975, p. 210) “alguns doentes são tão pouco comunicativos, que a preparação para a terapia se faz necessária”. Um planejamento adequado certamente evitará surpresas desagradáveis, como a repulsa das crianças ou o choque do bibliotecário ao deparar-se com doentes terminais.

É importante levar em conta que nem todas as histórias são adequadas para crianças hospitalizadas, por isso a “[...] seleção e prescrição de livros de acordo com as necessidades dos pacientes, condução da terapia baseada em comentários de leitura, e avaliação dos resultados [...]” é necessária (RATTON, 1975, p. 199). Histórias que envolvam atividades que a criança não possa realizar, ou com expressões difíceis, ou ainda, àquelas muito complexas, devem ser evitadas.

Egan (1994, p.39-44) ensina:

Uma das características mais evidentes que podemos observar nas histórias infantis é o uso de oposições binárias. Os conflitos entre o bem e o mal, a coragem e a covardia, o medo e a segurança, estão sempre presentes na história. [...] Estas oposições binárias servem como critérios para a seleção e organização do conteúdo da história e constituem o fio condutor ao longo do qual a história se desenvolve.[...] O modo de começarmos (a aula ou a unidade) precisa, portanto, de ser colocado de algum modo em termos de conflito binário ou problema; e o modo como terminamos deverá resolver esse problema ou conflito, se quisermos tirar partido do extraordinário poder da história para desencadear a adesão afectiva da criança.

### **3 RELATO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO**

Segundo Sisto (2001, p. 29-37) a prática de contar histórias envolve tanto o narrador quanto o ouvinte, e, para que o envolvimento seja mútuo é necessária uma preparação prévia do narrador. Para que a história a ser contada atraia a atenção o contador deve criar uma expectativa e usar métodos que envolvam principalmente a visão e a audição. Deve-se criar um espaço imaginário, explorando a criatividade e preservando o teor infantil.

Com base nas aulas teóricas, as histórias foram criteriosamente selecionadas, bem como praticadas prévias sessões de leitura do texto; houve preocupação com o tom da voz e a postura física. O processo pré e pós-história deve ser muito bem explorado com o objetivo de saber o grau de entendimento da história.

A seguir segue o roteiro das atividades desenvolvidas pela acadêmica na ala pediátrica do Hospital Universitário. Foram realizadas cinco sessões de Biblioterapia, em cinco dias diferentes, sempre no horário das 16:00 às 17:00 h. Em todos os casos a metodologia adotada foi mescla de leitura, contação e dramatização.

No dia trinta e um de agosto de 2001 iniciou-se a atividade prática da disciplina. Após a análise de vários livros infantis, a acadêmica escolheu a história de um joelho chamado Juvenal que vivia se machucando e não gostava muito de ficar escondido dentro da calça de seu dono, então ele teve uma idéia: pedir as fábricas de calças que fizessem um orifício nas calças para que ele não mais ficasse no escuro<sup>1</sup>. O motivo da escolha desta história foi desenvolver o espírito imaginativo, a introspecção e a catarse. Ao aplicar a leitura, procurou-se mostrar as ilustrações para que as crianças pudessem ter uma melhor interpretação da história. Com este objetivo também foi utilizada a reprodução (xerox) de figuras do livro para que as crianças pudessem colorir. Nas atividades de desenho e pintura, esperava-se averiguar o grau de interpretação da história. Observou-se que o

local não possui a estrutura adequada (mesas, cadeiras, etc.) para o desenvolvimento das atividades e a qualidade dos materiais para desenho também é precária. Para suprir esta deficiência optou-se por levar materiais auxiliares. As crianças mostraram-se interessadas nas atividades ali desenvolvidas e, realizaram com sucesso as atividades de desenho, pintura e redação, esta última para crianças alfabetizadas. A menina F. escreveu uma redação, um breve resumo da história narrada. Os acompanhantes demonstraram-se interessados em participar das atividades e estimulavam as crianças a isso. Na medida do possível as atividades foram bem produtivas, e as crianças foram ativas durante todo o desenvolvimento das mesmas. Até mesmo crianças deficientes, como foi o caso do menino L., estavam bem ativas e receptivas.

No dia quatorze de março de 2002 optou-se pela história de uma menina de mais ou menos oito anos que, como qualquer criança desta idade, tem medo de algumas coisas. Medo do escuro, de bicho papão, de lobo. Porém, quando este medo é encarado, ela consegue superá-lo e passa a brincar com seus próprios medos<sup>2</sup>. A acadêmica optou por esta história, pois objetiva permitir a identificação das crianças com seus próprios medos e superá-los. Objetivou-se auxiliar na desmistificação do medo infantil. As crianças que estão no hospital encontram-se fora de seu ambiente familiar, algumas delas até mesmo sem a companhia dos pais. E o medo está muito presente nestes casos. Como recurso auxiliar usou-se fantoches de papel e cópias de ilustrações do livro (xerox) para colorir. Observou-se durante a narração da história que as crianças permaneceram atentas, porém apáticas e se dispersam ao final da história. As atividades de diálogo sobre a história foram bem sucedidas, ainda que com uma certa timidez. O acompanhamento dos pais durante a narração da história demonstrou seu interesse e pôde despertar nas crianças a vontade de interagir nas próximas histórias. Como as crianças não quiseram colorir as ilustrações, e, para que a história permanecesse na memória das crianças,

resolveu-se fazer a colagem das figuras em uma cartolina vermelha e fixá-la na parede do hospital.

A terceira atividade ocorreu no dia vinte e um de março de 2002. A história escolhida pela acadêmica foi a de um príncipe preguiçoso que deseja tornar-se adulto para poder fazer o que quiser. Com um carretel encantado ele podia avançar a linha da vida; porém foi avançando tanto que viu sua vida passar; tornou-se velho sem ter feito nada. Porém, foi-lhe dada uma segunda chance para que ele pudesse fazer algo de útil<sup>3</sup>. Escolheu-se esta história, pois, objetiva favorecer a introspecção. Como recursos, foram empregadas brincadeiras com carretéis. Esperou-se desenvolver o gosto pelo trabalho e por atividades que enriqueçam a vida. Verificou-se que poucas crianças compareceram nesta atividade, pois muitas delas estavam em exames médicos. Pôde-se notar que elas dispersaram a atenção facilmente e que caso a narração não seja atrativa, os objetivos não são alcançados. Após a narrativa, as atividades de entretenimento e interpretação da história aconteceram de maneira muito rápida; as crianças demonstraram impaciência, contudo responderam logicamente as questões e assimilaram o tema.

A literatura afirma que os contos de fada podem ou não ser benéficos para as crianças. Segundo Cashdan (2000, p. 291), deve-se tomar muito cuidado com alguns contos que estimulem a vaidade, a gula, a inveja, a mentira, a luxúria, a avareza, a preguiça. Nestes casos, devemos ajudar a criança a lidar com estas questões através de indagações de como estas situações já influenciaram sua vida e de que modo foram superadas.

No dia quatro de abril de 2002, a história escolhida pela acadêmica foi a de uma princesa chamada Aurora que após o nascimento foi amaldiçoada por uma bruxa. Quando completasse 16 anos a princesa espetaria o dedo em uma agulha e morreria. Mas uma das fadas mágicas modificou o feitiço e a princesa ao invés de morrer iria dormir profundamente até que um príncipe a acordasse com um beijo. Quando completou 16 anos a maldição se concretizou e a princesa dormiu

profundamente. Então as fadas foram à procura do príncipe, encontrando-o contaram-lhe o que havia acontecido e ele se dirigiu ao castelo e acordou a princesa com um beijo. Eles se casaram e viveram felizes para sempre<sup>4</sup>. Com base neste conto de fada, procurou-se favorecer a catarse, ajudar no processo imaginativo e mostrar que nem sempre alguém vai poder ajudá-las quando estiverem em situações difíceis. Por ser uma história envolvente, a acadêmica utilizou ilustrações: um boneco representando o príncipe, uma boneca representando a princesa e o desenho em cartolina do castelo. As crianças prestaram atenção na história, os acompanhantes demonstram-se interessados em participar das atividades e estimulavam as crianças. A intenção inicial era interagir com as crianças promovendo um debate sobre a história, fazendo uma comparação com situações que elas já passaram. Porém isto não foi possível, pois as crianças eram muito fechadas e tímidas.

Em um ambiente diferente daquele a que estão acostumadas, e, sem os colegas habituais, as crianças tendem a permanecer isoladas umas das outras, até que alguma forma de interação aconteça, seja por meio da própria criança, seja por meio de terceiros.

Optou-se no dia onze de abril de 2002 por narrar a história de um cão que foi abandonado pelo seu dono na floresta, um burro, um gato e um galo que fugiu de casa. Ao se encontrarem na floresta os quatro animais ficaram amigos e decidiram seguir para a cidade de Bremen para formar uma banda. O cão tocava tambor, o burro tocava flauta, o gato tocava trombeta e o galo cantava. No caminho, encontraram uma casinha e viram que lá havia ladrões; decidiram então assustar os ladrões. Para fazer isso um saltou nas costas do outro: o cão subiu no burro, o gato ficou nas costas do cachorro e o galo, em cima do gato. No escuro eles pareciam uma figura monstruosa e então os ladrões fugiram. Os quatro amigos resolveram morar naquela casa e formar uma banda ali mesmo<sup>5</sup>. Esta história foi propositalmente escolhida pela acadêmica para que as crianças aprendessem a trabalhar em grupo, a dividir tarefas e

desenvolver a coragem. Para ilustrar a história foram utilizados bichinhos de plástico representando os animais. Primeiramente a acadêmica fez uma narração individual para as crianças que estavam em seus leitos por ordens médicas; deste modo obteve-se 100% de atenção da criança, houve melhor interpretação da história e maior envolvimento entre o narrador e a criança. Após a leitura individual, foi feita a narração em grupo para as outras crianças. Ao término, foi solicitado a uma criança que não sabia ler, para contar a história. Apenas olhando as ilustrações do livro ela pôde narrar de forma lógica a história que acabara de ouvir.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com base nestas atividades não houve dúvidas que a biblioterapia aplicada a crianças enfermas alivia suas tensões, angústias e medos, desenvolve a imaginação, favorece a introspecção, a catarse e ajuda no crescimento emocional e psicológico.

No decorrer do processo prático, notou-se uma maior receptividade das crianças e dos adultos (pais ou acompanhantes) que mostram-se atentos e dispostos a ajudar no processo. Segundo as estagiárias de psicologia, que por algum tempo auxiliaram nas atividades de biblioterapia, foram observadas mudanças culturais nas crianças, como o maior hábito para a leitura, pois as mesmas passaram a procurar na sala de recreação, além dos brinquedos, os livros infantis. Infelizmente é difícil manter esta tendência ao hábito da leitura, pois a rotatividade das crianças é constante, já que elas não permanecem muito tempo em internação. É claro que a solução não é mantê-las por mais tempo em internação e sim aplicar a biblioterapia em casa, escolas, creches, etc.

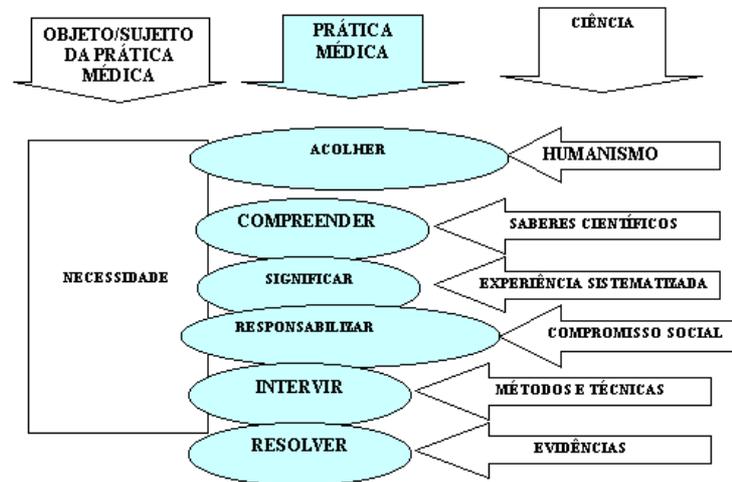
A cultura da leitura pode despertar o prazer de tratar-se ou buscar tratamento ou ainda a reabilitação de sua saúde, ligada à semiologia e ao cuidado ou avaliação da evolução do paciente.

O relacionamento de um profissional que exerce a biblioterapia com o paciente pode fornecer subsídios ao profissional da saúde no processo complementar da história

clínica ou no processo saúde-doença como fonte de captar sinais.

A figura a seguir mostra as relações da prática médica com seu objeto/sujeito e as ciências:

Fig. 01 - relações da prática médica com seu objeto/sujeito e as ciências



Fonte: CINAEM, 2000, p. 287.

Os itens em destaque nesta figura significam:

- ACOLHER – receber, atender, assistir, ouvir, ver a necessidade em saúde,
- COMPREENDER – compreender como as necessidades em saúde influenciam a vida do paciente,
- SIGNIFICAR – significar as necessidades no processo saúde-doença,
- RESPONSABILIZAR – o paciente é responsável pelo seu próprio cuidado, assim como o profissional de saúde é responsável pela necessidade do paciente,
- INTERVIR – planejamento, escolha e execução de métodos e técnicas de intervenção, sejam elas clínicas,

cirúrgicas, sanitárias, epidemiológicas, sociais, culturais, acadêmicas, políticas, etc.

f) RESOLVER – efetividade em resolução.

Assim, a biblioterapia pode estar presente no ato de ACOLHER – aquele que está disposto a falar e a ouvir, a brincar, a educar e aliviar as tensões através do livro; no ato de SIGNIFICAR – aquele que avalia as necessidades e procura na leitura dirigida explorar as questões pessoais; e no ato de INTERVIR – quando se afeta culturalmente e socialmente o paciente. Pelo fato de trabalhar diretamente nas relações mais humanas do paciente a biblioterapia influenciará o trabalho do profissional de saúde no SIGNIFICAR e INTERVIR do processo saúde-doença.

Enfim, associando este gráfico a estes conceitos, a prática e teoria, pode-se concluir que a biblioterapia é uma ferramenta para a semiologia e a terapêutica, favorecendo a humanização das mesmas. A curto prazo, a biblioterapia pode estar ligada em atividades de prevenção, educação e extensão em saúde; e a longo prazo, fazendo parte de uma equipe de saúde, assim como o nutricionista, assistente social, fisioterapeuta, etc.

## NOTAS

1 PINTO, Ziraldo Alves. *O joelho Juvenal*. Ilustrações de Ziraldo Alves Pinto. São Paulo: Melhoramentos, c1983. (Coleção Corpim).

2 BUARQUE, Chico. *Chapeuzinho Amarelo*. Ilustrações de Ziraldo. 7 ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2000.

3 O CARRETEL encantado. In: 365 histórias da vovozinha. São Paulo: Girassol.[199-]. p. 7.

4 ANDRADE, Marisa Tuzi. *A bela adormecida*. Ilustrações de Robson V. de Souza Andrade; Marisa Tuzi Andrade. Manaus: Pais & Filhos, [199-]. (Coleção Clássicos Infantis).

5 OS MÚSICOS de Bremen. Ilustrações de Belli Studio. [S.l.]: Todo livro, [199-]. (Coleção Fábulas de ouro).

## REFERÊNCIAS

ALVES, M. H. H. A aplicação da biblioterapia no processo de reintegração social. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, v. 15, n. 1/2, p. 54-61, jan./jun. 1982.

CASHADAN, S. Como utilizar os contos de fada. In: \_\_\_\_\_. *Os sete pecados capitais nos contos de fadas: como os contos de fadas influenciam nossas vidas*. Tradução de Maurette Brandt. Rio de Janeiro: Campus, 2000. p. 291-306.

COMISSÃO INTERINSTITUCIONAL NACIONAL DE AVALIAÇÃO DO ENSINO MÉDICO. Proposta. In: \_\_\_\_\_. *Preparando a transformação da educação médica brasileira: projeto CINAEM III fase: relatório 1999-2000*. Pelotas: UFPel, 2000. p. 279-289.

\_\_\_\_\_. Oficinas e eventos. In: \_\_\_\_\_. *Preparando a transformação da educação médica brasileira: projeto CINAEM III fase: relatório 1999-2000*. Pelotas: UFPel, 2000. p. 171-175.

EGAN, K. Histórias, metáforas e objectivos. In: \_\_\_\_\_. *O uso da narrativa como técnica de ensino: uma abordagem alternativa ao ensino e ao currículo na escolaridade básica*. Lisboa: Dom Quixote, 1994, p. 33-44.

FARIA FILHO, L. M. de. (Org.). *Modos de ler – formas de escrever: estudo de história da leitura e da escrita no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

FERREIRA, A. B. de H. *Mini dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 464.

FRAGOSO, G. M. O livro, a biblioteca e a primeira infância: trilogia do afeto. *Presença Pedagógica*, Minas Gerais, v. 4, n. 22, jul./ago. 1998.

NOVA Enciclopédia Barsa. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1997. v 5, p. 479 – 480.

ORSINI, M. S. O uso da literatura para fins terapêuticos: Biblioterapia. *Comunicações e Artes*, n. 11, p. 139-149, 1982.

RATTON, A. M. L. Biblioterapia. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 198-214, set. 1975.

SISTO, C. Contar histórias: da oficina à sinfonia. In: \_\_\_\_\_. *Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias*. Chapecó: ARGOS, 2001. p. 29-37.

## BIBLIOTHERAPY AND SICK CHILDREN

### Abstract

The text talks about the application of the bibliotherapy in sick children, the importance of the reading in the search of the prevention and education, as well as her therapeutic function. It presents a report of the bibliotherapy activities developed in the pediatric line of the University Hospital in Florianópolis - SC. It analyzes the children's hospitalized front behavior the practice of the reading with dynamic methodologies. With base in these activities could be noticed that the applied bibliotherapy to sick children relieves their tensions, anguishes and fears, it develops the imagination, and it

favors the introspection, the catharsis and help in the emotional and psychological growth. Conclude that the bibliotherapy is a tool for the semiology and the therapeutics, favoring the humanization of the same ones and helping in the children's recovery.

**Keywords:** Bibliotherapy; Hospitalized children; Reading; Recovery - hospitalized children

---

**Silvana Beatriz Bueno**

Acadêmica da 8ª fase do curso de Biblioteconomia da  
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Relatório Final do Curso de Biblioterapia.

E-mail: [silvanabueno@yahoo.com.br](mailto:silvanabueno@yahoo.com.br)

**Clarice Fortkamp Caldin**

Mestre em Literatura pela Universidade Federal de Santa  
Catarina – UFSC

Professora no Departamento de Ciência da Informação da  
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

E-mail: [claricef@matrix.com.br](mailto:claricef@matrix.com.br)

---